

EDUCAÇÃO FINANCEIRA: A INTRODUÇÃO DE RESPONSABILIDADES FUTURAS

CRISTOFERI, Francieli Regina¹
francieli_rc@hotmail.com
RAUBER, Alzira Derli²
alzirarauber@gmail.com
RAUBER, Lucas Aloysio³
aloyosiorauber@hotmail.com

RESUMO

Este artigo se propõe a estudar sobre a educação financeira, a qual deve fazer parte da vida, pois o dinheiro faz parte do cotidiano e deve-se ensinar e aprender a lidar com ele, e isto também é assunto de criança. Crianças com visão financeira possuirão maior facilidade de pensar e organizar seu futuro com muito mais segurança. A ideia é que as mesmas tenham qualidade de vida com o passar dos anos. A falta de informações leva a decisões erradas, que podem afetar o futuro financeiro.

Palavras-chave: Educação Financeira; Escola; Séries Iniciais.

INTRODUÇÃO

Não é novidade falar sobre finanças, pois desde os primórdios já eram comercializados produtos e mercadorias por meio de trocas, chamado *escambo*. Com o passar dos anos, passou-se a sentir a necessidade de ter alguma medida mais justa para as negociações surgindo, então, o ouro e os metais preciosos como mecanismo de comercialização.

Em seguida, segundo Souza (2012), estes produtos passaram a ser entregues a ourives e trocados pelas primeiras moedas de papel. Diante disso, o artigo ressalta a importância de conhecer e saber lidar com as finanças desde crianças em idade escolar.

Portanto, de acordo com Secco (2014), quanto antes as crianças aprenderem a lidar com seus recursos financeiros, mais capacidades terão de gerir seus

¹ Especialista em Gestão Escolar e Docência na Educação Básica, Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco.

² Especialista em Gestão Escolar e Docência na Educação Básica, Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco.

³ Graduando em Engenharia Elétrica, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Medianeira.

investimentos no futuro. É fundamental que elas participem da elaboração de listas para o supermercado, decidam entre comprar um produto mais caro ou outro similar de menor valor, deixar de adquirir algo, dentre outras atividades financeiras possíveis, adquirindo assim, responsabilidades financeiras e programando seu futuro.

A educação financeira na escola pode prepará-las, por exemplo, ensinando-as a elaborarem suas planilhas individuais de gastos mensais, pois assim está estimulando-as na tomada de decisões, formando cidadãos capazes de controlar suas receitas e despesas, sendo indivíduos éticos e responsáveis.

Contudo, será possível alcançar resultados significativos para a formação consciente através da educação financeira para crianças das séries iniciais do ensino fundamental?

Visando responder este questionamento, far-se-á uma pesquisa, afim de verificar a importância e necessidade de se tratar sobre este assunto nas escolas, desde as séries iniciais.

Entretanto é preciso avaliar os conhecimentos prévios dos educandos sobre finanças a partir de atividades a serem desenvolvidas com as crianças das séries iniciais do ensino fundamental.

Dessa maneira, busca-se: Compreender a importância da educação financeira desde a infância, com base em estudos disponíveis na literatura; Desenvolver um programa de educação financeira com crianças do ensino fundamental, utilizando-se de atividades diversificadas; Observar os conhecimentos adquiridos sobre finanças e como eles interferem na tomada de decisões.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

No que diz respeito à educação financeira, esta por sua vez, pode ser compreendida como, o meio em que tanto investidores, quanto consumidores aprimoram sua compreensão acerca dos produtos financeiros e conceitos referentes a estes, e visam através de orientações, desenvolver habilidades que propiciam a consciência dos riscos e oportunidades financeiras, permitam escolhas bem

informadas, saibam buscar ajuda nas fontes corretas, bem como realizem ações que melhorem a sua proteção e bem-estar (HOFFMANN, 2015 apud OCDE).

A tomada de decisão não é tarefa simples, pois muitos fatores influenciam nesta tarefa. Além disso, depende da viabilidade do investimento.

Através de formação e conhecimentos acerca do tema, é possível formar cidadãos capazes de fazer as escolhas certas e ter consciência de quais são seus direitos na sociedade em que se vive.

Tendo estes conceitos básicos definidos, é possível fazer uma análise da educação financeira e uma retrospectiva histórica, a fim de compreender sua grande relevância nos dias atuais.

Faveri, *et al.* (2014), citam o principal objetivo da educação financeira, como sendo “informar as pessoas sobre os conceitos e produtos financeiros de forma que possam gerir suas receitas de forma consciente, diminuindo riscos e aproveitando oportunidades de poupança e investimentos que possam surgir”.

Uma vez que as autoridades competentes não proporcionam formação adequada para os indivíduos, permitindo assim, a tomada de decisões no que se referem às questões financeiras, algumas instituições privadas acabam desempenhando este papel, como é o caso da Bovespa, que possui programas *online* e outros para *download* a respeito do assunto, “para atender aos interessados que desejam conhecer a bolsa e o funcionamento do mercado acionário”.

Assim também é o caso do Banco Central do Brasil, que possui um programa “responsável pela orientação da sociedade a respeito de assuntos econômicos, contribuindo para um melhor entendimento dos aspectos financeiros e da responsabilidade no planejamento das finanças pessoais” (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007, p. 1134).

Outra entidade que “promove palestras e disponibiliza cartilhas gratuitas de educação ao investidor” é a Comissão de Valores Mobiliários. Há também a Federação Brasileira de Bancos, que por sua vez, “oferece informações sobre o uso de produtos financeiros”. A Serasa igualmente “auxilia na gestão dos recursos financeiros”.

E por fim, a Associação Nacional dos Bancos de Investimento, que tem por finalidade difundir “conceitos sobre investimento pessoal, estimulando a formação do

investidor no Brasil”. Estas conclusões sobre as entidades acima citadas são encontradas em Savoia, Saito e Santana (2007, p. 1135).

Os países mais focados e avançando seus estudos sobre educação financeira são os Estados Unidos e o Reino Unido. Já no Brasil não há muitas informações acerca do assunto. Savoia, Saito e Santana (2007, p. 1134) afirmam que,

não há obrigatoriedade da educação financeira no sistema de ensino. O MEC preconiza a contextualização do ensino, que pressupõe um processo de aprendizagem apoiado no desenvolvimento de competências para inserção dos estudantes na vida adulta, mediante a multidisciplinaridade, o incentivo do raciocínio e da capacidade de aprender.

Mas de acordo com Campos (2012, p. 23), deve-se levar em conta que ao abordar este assunto nas escolas, abre “a possibilidade de atingir diversos segmentos da população, tendo em vista a busca da universalização da Educação Básica”. Ainda, segundo o autor, ressalta-se que assim os alunos provavelmente discutirão estes conteúdos em casa, com suas famílias.

Mediante os grandes avanços tecnológicos e a facilidade de acesso às novas informações vindas de todos os cantos, os jovens tem acesso a muitas novidades, seja pela mídia, seja por outras fontes, e estes acabam sendo “bombardeados de teorias e ideias”, mas acaba lhes faltando o conhecimento que deveriam ter para poder compreender o que realmente é preciso.

Fala-se no dia-a-dia sobre educação financeira, porém não se dá muita ênfase, dificultando assim, o entendimento desta, já que as pessoas acreditam erroneamente que esta terminologia está apenas voltada à investimentos financeiros, e diz mais: a mesma “pode dar sua contribuição à formação do cidadão e também para o exercício da cidadania, pois ela contribui na formação da autonomia advinda da confiança na própria capacidade, para enfrentar os desafios e confiança na tomada de decisões” (DUARTE *et al.*, 2012, p. 202) .

No entanto, “a pesquisa e a busca pelo que já existe são fundamentais para construir o conhecimento e a autonomia. Não será completo o processo de busca se não nos propusermos a dialogar, criticar, construir novos conceitos e reconstruir outros” (STEPHANI, 2005, p.15). Só assim é possível formar cidadãos autônomos, já

que é com o passar do tempo que se constroem os valores, e não “da noite para o dia”.

E conclui:

a autonomia só se constrói se tivermos a coragem de tomar decisões. Elas não podem ocorrer sem a nossa participação. Eu e o aluno precisamos estar na roda de negociação que decidirá nossos futuros. Assim, poderemos, num processo que se retroalimentará, manter uma permanente construção de nossa autonomia (STEFHANI, 2005, p. 21).

Já na concepção de Secco (2014, p. 2), além da tomada de decisões, o assunto financeiro proporciona muito mais benefícios, auxiliando no desenvolvimento do espírito participativo, de união, onde todos possam emitir sua opinião, bem como administrar em conjunto as economias.

Ainda, pode-se citar Preve e Flor (2011, p. 15), os quais argumentam que devemos estar atentos à realidade, buscar alcançar nossos objetivos, mas tendo a certeza de que eles possam ser alcançados. Nada impede de “sonhar alto”, porém estar com os pés no chão, e subir os degraus, um de cada vez, sem pular etapas para chegar onde se deseja.

Vale lembrar que, “vivemos numa sociedade altamente consumista, onde somos bombardeados a todo instante com propagandas apelando para o consumo”. A quantidade e a variedade de produtos existentes no mercado aumentam a cada dia mais, conseqüentemente, fazendo crescer o consumo. Se isso não bastasse, o autor afirma que “vivemos em uma economia capitalista e as empresas em busca do aumento da lucratividade, muitas vezes faltam com a ética utilizando a mídia de forma incorreta”. E até mesmo quem deveria alertar a população das “armadilhas”, como é o caso das instituições públicas, “muitas vezes propagam o contrário e incentivam a tomada de crédito e o endividamento de pessoas com pouca capacidade de pagamento”.

Recorrendo à Bíblia Sagrada, encontra-se na afirmação do apóstolo Paulo (1 Timóteo 6, 10) “porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Por causa dessa ânsia de dinheiro, alguns se afastaram da fé e afligem a si mesmos com muitos tormentos”.

Completando com a passagem de São Mateus (6, 24) “ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza”, muitos indivíduos vivem à mercê da sociedade, pois interpretam que não se pode acumular riquezas, e, dessa maneira, deixam de buscar seus proventos para adquirir independência financeira, passando a se contentar assim, com aquilo que recebem das demais pessoas.

No entanto, outros, ao contrário, seguem o exemplo citado em Crônicas: “Ezequias possuía muita riqueza e glória. Mandou fazer depósitos para a prata, o ouro, as pedras preciosas, os aromas, os escudos e os outros objetos de valor” (II Crônicas 32, 27), e acumulam grandes riquezas, afim de encontrar status social.

Dessa maneira, “precisamos ensinar de onde vem o dinheiro e mostrar que ele ‘não nasce em árvores’. Temos que trabalhar duro para conquistá-lo. Depois temos que ensinar como gastá-lo e também como poupá-lo” (INSTITUTO SICOOB, 2015).

Assim, Secco (2014, p. 4) cita a importância de as crianças aprenderem a lidar com o dinheiro o quanto antes, de forma a ser inseridas no mundo capitalista o mais cedo possível. Ela faz pensar sobre a situação da educação financeira no mundo, especialmente no Brasil, pois “é algo que pode ser considerado novo para a maioria”. Uma vez que, “não é um hábito cotidiano, não faz parte da cultura do brasileiro realizar planejamentos financeiros, falar sobre dinheiro, especialmente com crianças e jovens”.

Mesmo assim, “muitos pais acreditam que dinheiro não é assunto de criança e outros transformam esse assunto em um desafio”. No entanto, “educação financeira não significa ensinar a economizar, e sim aprender a manejar o dinheiro de forma correta, a dar importância a fatores que irão promover um futuro financeiro mais digno” (SECCO, 2014, p. 9).

A mesma autora fala também que é muito importante a participação das crianças em acontecimentos que envolvam dinheiro, pois qualquer envolvimento com este, é algo grandioso para os pequenos. Exemplificando, “em um *shopping*, [...] peça a ela que entregue o dinheiro, o cartão ao vendedor, fazendo-a sentir-se responsável quanto ao uso do dinheiro da família. Mostre que ela pode desenvolver maior desenvoltura para negociações” (SECCO, 2014, p. 9).

Peter e Palmeira (2013) explicam que “as pessoas estão aprendendo a valorizar o dinheiro que ganham, e com isso, estão tentando fazer bom uso das eventuais sobras financeiras que possuem”.

Portanto,

educação financeira é a capacidade de entender finanças e assuntos relacionados. Mais especificamente, refere-se à capacidade de um indivíduo de fazer julgamentos bem informados e decisões efetivas sobre o uso e gerenciamento de seu dinheiro. A falta da educação financeira é demonstrada no fato de poucos brasileiros terem o hábito de colocar no papel suas receitas e despesas. Organizar as contas significa ter real dimensão da sua saúde financeira. Feito isso, é possível que a pessoa tenha ou uma agradável surpresa ao descobrir que tem mais dinheiro do que imaginava, ou ser surpreendido com o tamanho de sua dívida (PETER e PALMEIRA, 2013).

Partindo desse pressuposto teórico, Secco (2014, p. 1) defende que “educar é preparar para os desafios da vida”. E, portanto, para as crianças, a educação financeira “abarca componentes que vão além dos conceitos econômicos, sendo importante uma atenção especial à preparação dos mais novos quanto ao uso correto de suas economias, para que cresçam responsáveis e bem informados”. Sendo assim, é desde a mais tenra idade que se devem ensinar conceitos financeiros para os pequenos.

muitos pais tiveram uma infância repleta de restrições financeiras. Por este motivo, esforçam-se o dia inteiro trabalhando para que a criança tenha o mínimo de conforto, qualidade de vida e o acesso a mercadorias de consumo cotidiano, como TVs, computadores, celulares, boa alimentação, roupas, etc., que os mesmos não tiveram. Portanto, é salutar dedicar uma atenção especial à promoção e valorização dessa temática junto às crianças (SECCO, 2014, p. 1).

A autora ressalta que a grande problemática deste fato, é que os pais não dão a atenção que seus filhos merecem, acreditando erroneamente que, “comprando” seus filhos com presentes, estão suprimindo a defasagem de sua presença provocada por eles mesmos. A sociedade não está habituada a tratar do tema finanças. E, pensando nisso, ela afirma, “saber ganhar, gastar e poupar de forma honesta são habilidades que precisam ser desenvolvidas por todos, de modo a manter em equilíbrio a vida cotidiana”.

Portanto, é imprescindível que os pais, antes de qualquer coisa, saibam organizar suas contas, para ensinar a seus filhos disciplina financeira. É neste aspecto que se faz necessário “ter competência para ensinar com conhecimentos, habilidades e atitudes”.

Há várias brincadeiras que tratam do tema finanças, falando sobre “mesada, fortuna, banco, lucros e afins” (SECCO, 2014, p. 14) tanto jogos de tabuleiro, quanto jogos eletrônicos, como é o caso do Banco Imobiliário, Jogo da Mesada, Monopólio, bem como histórias em quadrinhos *online*, e ainda histórias diversas (João e o pé de feijão, A galinha dos ovos de ouro, A cigarra e a formiga), desenhos, por exemplo, do Tio Patinhas, dentre outros jogos e histórias. Theodoro (2008, p. 7) completa:

os jogos são extremamente importantes para o desenvolvimento psicomotor do aluno e vêm sendo cada vez mais usados para fins pedagógicos. Para a educação financeira os jogos além de despertar a motivação pelo tema, irão desenvolver, quando bem explorado, os conceitos de honestidades e o saber lidar com perdas, além de estimular o raciocínio.

Prado (2013, p. 20), explica que tanto a escola quanto os pais são importantes no processo de educação financeira, e sugere as mesadas como forma de possibilitar os primeiros contatos das crianças com a educação financeira. No entanto, antes de qualquer coisa, é preciso estimular o contato destas com o dinheiro. Ela sugere que por volta dos dois anos de idade, a criança já deve passar a ter contato com as finanças, pois é a partir deste momento que os pequenos começam a demonstrar suas próprias vontades.

É preciso tomar cuidado para que a mesada seja de acordo com a idade da criança. Há autores que afirmam que a mesada deve ser proporcional à idade da criança, por exemplo, se esta tiver sete anos de idade, o valor deverá ser de sete reais por semana. Estimulá-la a poupar parte do que recebe também é de suma importância.

Sendo assim, Prado (2013, p. 23) ressalta:

educar para o dinheiro não é condenar o consumo e doutrinar para a poupança. É estimular a organização pessoal para que desejos de consumo não extrapolem limites. É exercitar a disciplina para ter qualidade de consumo por toda a vida, não apenas como recompensa de sacrifícios presentes. As ferramentas de controle devem ser simples, para que possam ser usadas todos os dias, sem consumir nosso tempo. As boas práticas de



educação financeira devem induzir as escolhas equilibradas. Isso se faz combinando referências matemáticas com práticas ambientais, sociais, filosóficas e éticas.

Desde o nascimento, o ser humano já está em contato com a educação, com a qual se aprende a agir e interagir na sociedade. Isso ocorre igualmente quando se trata do dinheiro, sendo preciso lidar de maneira equilibrada, afirma Souza (2012).

A autora complementa que, “na sociedade atual, o dinheiro é igualado a uma melhor qualidade de vida e segurança. Visto que, quem não possui o mínimo de conhecimento sobre uma correta administração desse instrumento, passará por diversas dificuldades em sua vida” (2012, p. 28).

Neste sentido, recorre-se novamente à Prado (2013, p. 23), a qual completa dizendo que “a educação financeira iniciada na educação Básica desde os primeiros anos escolares contribuirá para que nossas crianças se tornem no futuro, jovens independentes financeiramente, e assim estarão desenvolvendo uma nova geração sustentável”.

Considera-se que cada vez mais aumenta a quantidade de serviços e bens ofertados, e, assim, “o comércio eletrônico cria novas oportunidades de compra, disponibilizando uma diversidade de produtos ainda maior. O apelo do marketing é cada vez mais intenso”. É a partir daí que Campos (2012, p. 49), faz uma reflexão “sobre a postura do docente diante de seus alunos em uma tomada de decisão financeira”. Dependendo da situação, o professor poderia induzir o aluno a adquirir determinado produto desejado, mas, em contrapartida, em outra ocasião, poderia levá-lo a economizar para futuramente comprar à vista.

No entanto, “a Educação Financeira, nas escolas, deveria constituir-se em um espaço de discussão de diferentes perspectivas. Cada aluno debatendo suas próprias ideias e ouvindo os argumentos dos outros” (CAMPOS, 2012, p. 50).

Lima e Detoni (2009) contribuem, explicando que no Brasil, quando se fala em educação, há uma defasagem no aspecto econômico e financeiro. “Não existe no país uma preocupação em relação ao tema dinheiro ou gerenciamento de riquezas. Ao sair da escola o jovem ingressará na universidade e, mais uma vez, estará sujeito a não ter acesso a informações sobre finanças pessoais”.

Faveri et al. (2014), relata que, “frente a tantas transformações sociais, econômicas e de comportamento, as escolas podem contribuir com uma formação mais abrangente englobando disciplinas financeiras”.

É importante enfatizar que, ainda de acordo com Secco (2014, p. 11), “a educação financeira, ainda rara nas escolas, deve ser entendida como uma obrigação moral dos pais com seus filhos”. No entanto, “isso não significa que a missão de educar os jovens para as finanças deve ser responsabilidade apenas dos pais”. Pois, “mesmo fora da escola, há instituições movendo-se para cativar famílias que aprenderam a ver seu futuro com maior preocupação e perceberam no dinheiro boa parte da solução”.

indiretamente, o currículo escolar tem como objetivo preparar cidadãos para a vida. Mas por ser tradicionalista, esqueceu-se de levar em consideração que o pobre trabalhador precisa saber um pouco sobre economia, sobre os juros que paga ao comprar algo à prestação, sobre as armadilhas de se abrir um crediário, com os juros bancários, com orçamento e economia doméstica, etc. São coisas que não são ensinadas na escola (SECCO, 2014, p. 11).

Vale destacar aqui, que é sim, necessário que a escola adote a postura de preparar os indivíduos para o mundo que o aguarda afóra dos portões escolares.

A autora constata que,

uma educação financeira precoce é relevante, pois mesmo que não saibam exatamente como lidar com o dinheiro, as crianças passam a desejá-lo a partir de certa idade [...]. Para estas crianças, conseguir dinheiro, independente da quantia, passa a significar a aquisição do poder de realizar sonhos, principalmente de comprar objetos tecnológicos como tablets, computadores de última geração, iPhone, iPod, etc (SECCO, 2014, p. 13).

Secco (2014, p. 15) finaliza afirmando: “uma boa educação financeira pode ajudar a despertar o espírito empreendedor, que envolve saber lidar com pessoas, negociar, desenvolver uma visão abrangente dos problemas e vender ideias”.

Dessa maneira, Theodoro (2008, p. 5) atesta estar ciente dos prejuízos e percas da educação financeira, nos casos em que há falta da mesma, e, sendo assim,

o professor deve se empenhar em usar o máximo da sua criatividade para transmitir a seus alunos conceitos suficientes para que eles atinjam o

objetivo proposto, de forma a serem multiplicadores desses conceitos, começando por suas próprias casas. Para tal, cabe aos professores desenvolverem um senso crítico para não cometerem excessos, ou seja, não se quer que uma criança de 10 anos aprenda a calcular juros ou saiba sobre opções de investimento. Portanto, cabe a adequação do professor quanto à apresentação dos tópicos sobre Educação Financeira.

O autor aponta o computador como excelente ferramenta e aliada no ensino da educação financeira nas escolas. “Os alunos poderão usar o computador para, dentre outras coisas, confeccionar lista de compras para seus pais, simular uma aplicação financeira ou um empréstimo, ou ainda fazer o controle dos gastos da própria escola” (THEODORO, 2008, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo relatou a temática educação financeira de maneira a analisar como a escola pode contribuir para a formação consciente das crianças. A família é a primeira responsável por este processo, no entanto, como se observou, muitas vezes estes, por sua vez, não sabem lidar com os recursos financeiros de maneira adequada, e o assunto se torna ainda mais difícil quando se trata de ensinar seus filhos.

Portanto, é fundamental que a escola, na função de transmissora de conhecimentos, com o auxílio da família, cumpra com a funcionalidade de educar os alunos para a vida financeira, para que se tornem adultos capazes de tomar decisões conscientes, gerenciar seus recursos financeiros e ter autonomia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ - Departamento de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal: Educação infantil e ensino fundamental – anos iniciais**. Cascavel: AMOP, 2014.

CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Marcelo-Bergamini-Campos.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2015.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: educação na infância**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2008.

2 CRÔNICAS. Português. In: BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. Cap. 32, vers. 27, p. 493.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Finanças.** Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/finan%C3%A7as/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Educação.** Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/educa%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

DUARTE, Paulo César Xavier; VIANA, Diego Sales; TASSOTE, Eliezer Marcos; DIAS, Marcus Vinícius. **Matemática financeira: um alicerce para o exercício da cidadania.** Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

EDUCAÇÃO financeira. Disponível em: <<http://www.institutosicoob.org.br/educacao-financeira>>. Acesso em: 7 maio 2015.

FAVERI, Dinorá Baldo De; KROETZ, Marilei; VALENTIM, Ilda; CENSI, Guilherme. **Educação financeira para crianças.** Disponível em: <http://www.udesc.br/arquivos/id_submenu/1378/6_educacao.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2015.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

HOFFMANN, Alvir Alberto. **Educação Financeira.** Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www.febraban.org.br/7Rof7SWG6qmyvwJcFwF7I0aSDf9jyV/sitefebraban/Alvir%20Hoffmann.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2015.

LIMA, Maico Sullivan; DETONI, Dimas José. **Educação financeira para crianças e adolescentes.** Disponível em: <http://www.administradores.com.br/_resources/files/_modules/academics/academic_s_2746_20100303143149866f.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MATEUS. Português. In: BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. Cap. 6, vers. 24, p. 1245.

PETER, Luciani Dallmann; PALMEIRA, Eduardo Mauch. **Estudo sobre a inclusão da educação financeira como disciplina escolar a partir das séries iniciais.** Disponível em: <<http://atlante.eumed.net/wp-content/uploads/disciplina-escolar.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.



PRADO, Rosane de Souza. **Educação Financeira no Ensino Fundamental I.** Disponível em: < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/rsp.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

PREVE, Marco Aurélio Silva; FLOR, Wander Luiz da Rocha. **Organização financeira familiar: a importância da educação financeira precoce na formação do cidadão e as possibilidades de se desenvolver ações de reeducação financeira.** Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_III%20sfp/Marco%20Preve_Wander%20Flor.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia De Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

SECCO, Renata Lima. **Importância da Educação Financeira na Infância: uma revisão de literatura.** Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/14/educacion-financiera.html>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

SOUZA, Débora Patricia de. **A importância da educação financeira infantil.** Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/importancia-da-educacao-financeira-infantil.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

STEPHANI, Marcos. **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno.** Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=652>. Acesso em: 7 maio 2015.

THEODORO, Flavio Roberto Faciolla. **O uso da matemática para a educação financeira a partir do ensino fundamental.** Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/tccflaviotaubate.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

1 TIMÓTEO. Português. In: BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. Cap. 6, vers. 10, p. 1533-1534.